



>> GRANDE PORTO

Secções

- [Primeira Página](#) >
- [Editorial](#) >
- [Destaque](#) >
- [Grande Porto](#) >
- [Norte](#) >
- [Opinião](#) >
- [Política](#) >
- [Sociedade](#) >
- [Economia](#) >
- [Internacional](#) >
- [Desporto](#) >
- [Cultura](#) >
- [Humor](#) >
- [Última](#) >

Serviços

- [Títulos](#)
- [Inquéritos](#)
- [Fóruns](#)
- [Horóscopo](#)
- [Tempo](#)
- [Jogos de sorte](#)
- [Arquivo](#)

Galeria

- [Imagens](#)
- [Suplementos](#)

Especiais

Conheça-nos

- [Conheça-nos](#)
- [Localização](#)
- [Assinaturas](#)
- [Tabela Publicidade](#)

eleições europeias



Universidade facilita mobilidade dos investigadores estrangeiros

A ideia é facilitar a vida, e sistematizar informação, aos investigadores que chegam e aos que partem

ANA ISABEL PEREIRA

Chegar a uma cidade só com o contacto de uma instituição e uma bolsa de investigação é quase, e apesar do "empurrão" financeiro, como estar entregue a si próprio. Há diferenças sócio-culturais de país para país, há em alguns casos falta de equivalência entre graus académicos e há, sobretudo, muita burocracia.

O Centro de Mobilidade da Universidade do Porto (UP) "já está a funcionar" e visa "sistematizar informação", facilitando a instalação de docentes e investigadores, explicou ontem José Ferreira Gomes. A instalação dos estrangeiros que chegam à Invicta e dos portugueses que dela partem. "A UP tem 20 por cento da produção científica nacional e dez por cento do nosso ensino superior", recorda o vice-reitor sobre a universidade que acolhe, por ano, "mil e tal estrangeiros, entre estudantes e investigadores", e vê partir outros tantos. E esta, diz, "é uma estimativa conservadora". A dificuldade em "ter números" advém do facto da "mobilidade ser dispersa e dos financiadores serem diferentes".

Este é o primeiro centro "publicamente apresentado" em Portugal mas existem mais: um em cada universidade pública, um na Fundação Calouste Gulbenkian e outro na Agência da Inovação. Todos eles inseridos na Rede Europeia de Centros de Mobilidade. Esta é apoiada pelo portal Eracarees que divulga ofertas de bolsas e oportunidades de emprego científico. Em Portugal, o site www.astrolabium.pt desempenha essa função, disponibilizando ainda um sistema de tradução automático, informação útil como por exemplo o que fazer para conseguir um visto e um retrato do panorama da investigação e desenvolvimento em Portugal.

Portugueses têm mais condições lá fora

Catarina Carmona, gestora de projectos no Instituto de Patologia e Imunologia Molecular da Universidade do Porto, explica que "os investigadores portugueses que vão lá para fora, têm basicamente o contacto da instituição e uma bolsa de doutoramento ou pós-doutoramento". a responsável à frente do gabinete de apoio e gestão de candidaturas diz que os principais problemas que os "nossos" têm lá fora são "o desconhecimento da língua (sobretudo em países como a Noruega), o nível de vida mais elevado, a falta de equivalência e reconhecimento de graus académicos (EUA) ou regras mais rígidas nos laboratórios".

SERVIÇOS

Imprimir esta página

Contactar

[Anterior](#)
[Voltar](#)
[Seguinte](#)

Click Here!

ASSINATURAS

Pesquisas

Notícias de hoje



[Arquivo](#)

Na Internet



Outros inquéritos

FAÇA-NOS A SUA PÁGINA PRINCIPAL



RECOMENDE A EDIÇÃO DIGITAL



SUGESTÕES



CARTAS AO DIRECTOR





No regresso a Portugal os investigadores têm outros problemas. A elevada dependência do financiamento, o facto de os anos de bolsa não contarem como anos de serviço, a inexistência de subsídios de reintegração, a falta de uma indústria inovadora, não haver uma perspectiva a longo prazo nos empregos", entre outras coisas, "tornam complicado segurar cá os nossos melhores investigadores", adverte. Quais são então as motivações destas pessoas? São, explica Catarina Carmona, a excelência científica das equipas e dos recursos, o elevado nível de desenvolvimento dos países e sociedades, a ajuda nas despesas de alojamento temporário e apoio logístico a todos os níveis (como acontece por exemplo na Holanda).

Aprender a língua e conseguir alojamento

Os estrangeiros a investigar em Portugal destacam como aspectos positivos a amabilidade das pessoas, a beleza da cidade e do país, a aposta em jovens investigadores, a possibilidade de conseguir colaborações científicas e internacionais em áreas mais concorridas no país de origem. Uma das respostas que obteve Catarina Carmona, que diz ser "curiosa", foi a de que vir para Portugal seria "um desafio interessante" para quem "quer fazer a diferença".

A responsável sugere que, de futuro, os ministérios dos Negócios Estrangeiros e da Ciência e Ensino Superior assinem protocolos no sentido de melhorar o processo de emissão de vistos. Defende ainda maior flexibilidade no calendário dos cursos de português.

NUNO CORREIA

Investigador do INEGI, doutorado em Inglaterra: "Justifica o investimento"

"Comecei a carreira no INEGI, não segui a via comum de pedir uma bolsa à Fundação da Ciência e Tecnologia. Candidatei-me para a Universidade de Nottingham, onde sabia que havia uma vaga. Fui contratado a prazo, os anos contam como sendo de serviço, descontei para a Segurança Social, fiz a vida de um estrangeiro a residir lá. Mais tarde, surgiu a oportunidade de ir sete meses para Delaware, EUA, ainda durante o doutoramento. Os estrangeiros que trabalham temporariamente nos EUA descontam mas há grandes burocracias e ainda tenho dinheiro a reaver. Em todos os países que visitei senti a necessidade de justificar o investimento feito em mim".

GIANPAOLO SURIANO

ITALIANO BIOQUÍMICO, a TRABALHAR NO IPATIMUP: "A língua e o alojamento"

"Acabei o doutoramento na Bélgica e a escolha de Portugal foi um acaso. Conheci em Bruxelas vários portugueses que me falaram do IPATIMUP. Foi assim que tudo começou. A experiência está a ser excelente, no ano passado fui contratado como investigador senior, consegui fazer o que mais quero - investigar na área do cancro - e já foi em Portugal que nasceu a minha filha. Mas no início, tivemos, eu e a minha mulher que também é estrangeira, de superar alguns problemas. Encontrar uma casa - porque não tinha fiador - encontrar emprego para ela ou um curso de língua portuguesa. Geralmente quem chega a meio do ano, já perdeu muito".

ELSA BRONZE

DOCENTE Na FACULDADE DE FarmÁCIA: "Por mim, já não voltava"

"Estive em Washington no último ano, com uma bolsa de 15 mil euros da Fundação Luso-Americana, só para pagar o apartamento que era extremamente caro, mil dolares por mês. O meu departamento lá apoiou-me em tudo, pagou a minha ida a dois congressos. A Comissão Fulbright pagou-me o seguro de saúde, o visto e a viagem. Quando precisei de ir ao médico tive de

pagar consulta porque a hipertensão era um problema anterior à minha ida para lá! Mas se tivesse feito lá o doutoramento, já não voltava. Eles têm determinados aparelhos que aqui não existem, quero voltar lá para acabar o meu trabalho. Não fiquei mais porque já não havia dinheiro".

[↑ Início](#)



O Comércio do Porto é um produto da [Editorial Prensa Ibérica](#).

Fica expressamente proibida a reprodução total ou parcial dos conteúdos oferecidos através deste meio, salvo autorização expressa de [O Comércio do Porto](#)